

TEXTO 1

Você e um grupo de colegas ganharam um concurso que vai financiar a realização de uma oficina cultural na sua escola. Após o desenvolvimento do projeto, você, como membro do grupo, ficou responsável por escrever um relatório sobre as atividades realizadas na oficina, informando o que foi feito. O relatório será avaliado por uma comissão composta por professores da escola. A aprovação do relatório permitirá que você e seu grupo voltem a concorrer ao prêmio no ano seguinte. O relatório deverá contemplar a apresentação do projeto (público-alvo, objetivos e justificativa), o relato das atividades desenvolvidas e comentário(s) sobre os impactos das atividades na comunidade. Na abertura do concurso, os grupos concorrentes receberam o seguinte texto de orientação geral: As Oficinas Culturais são espaços que procuram oferecer aos interessados atividades gratuitas, especialmente as de caráter prático, com o objetivo de proporcionar oportunidades de aquisição de novos conhecimentos e novas vivências, de experimentação e de contato com os mais diversos tipos de linguagens, técnicas e ideias. As Oficinas Culturais atuam nas áreas de artes plásticas, cinema, circo, cultura geral, dança, design, folclore, fotografia, história em quadrinhos, literatura, meio ambiente, multimídia, música, ópera, rádio, teatro e vídeo. O público a ser atingido depende do objetivo de cada atividade, podendo variar do iniciante ao profissional. As Oficinas Culturais visam à formação cultural e não à educação formal do cidadão. Pretendem mostrar caminhos, sugerir ideias, ampliar o campo de visão.

TEXTO 2

Em virtude dos problemas de trânsito, uma associação de moradores de uma grande cidade se mobilizou, buscou informações em textos e documentos variados e optou por elaborar uma carta aberta. Você, como membro da associação, ficou responsável por redigir a carta a ser divulgada nas redes sociais. Essa carta tem o objetivo de reivindicar, junto às autoridades municipais, ações consistentes para a melhoria da mobilidade urbana na sua cidade. Para estruturar a sua argumentação, utilize também informações apresentadas nos trechos abaixo, que foram lidos pelos membros da associação. Atenção: assine a carta usando apenas as iniciais do remetente.

I

“A boa cidade, do ponto de vista da mobilidade, é a que possui mais opções”, explica o planejador urbano Jeff Risom, do escritório dinamarquês Gehl Architects. E Londres está entre os melhores exemplos práticos dessa ideia aplicada às grandes metrópoles. A capital inglesa adotou o pedágio urbano em 2003, diminuindo o número de automóveis em circulação e gerando uma receita anual que passou a ser reaplicada em melhorias no seu já consolidado

sistema de transporte público. Com menos carros e com a redução da velocidade máxima permitida, as ruas tornaram-se mais seguras para que fossem adotadas políticas que priorizassem a bicicleta como meio de transporte. Em 2010, Londres importou o modelo criado em 2005 em Lyon, na França, de bikes públicas de aluguel. Em paralelo, começou a construir uma rede de ciclovias e determinou que as faixas de ônibus fossem compartilhadas com ciclistas, com um programa de educação massiva dos motoristas de coletivos. Percorrer as ruas usando o meio de transporte mais conveniente – e não sempre o mesmo – ajuda a resolver o problema do trânsito e ainda contribui com a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

II

Mas, afinal, qual é o custo da morosidade dos deslocamentos urbanos na região metropolitana de São Paulo? Não é muito difícil fazer um cálculo aproximado. Podemos aceitar como tempo normal, com muita boa vontade, uma hora diária. Assim, o tempo médio perdido com os congestionamentos em São Paulo é superior a uma hora por dia. Sendo a jornada de trabalho igual a oito horas, é fácil verificar que o tempo perdido é de cerca de 12,5% da jornada de trabalho. O valor monetário do tempo perdido é de R\$ 62,5 bilhões por ano. Esse é o custo social anual da lentidão do trânsito em São Paulo.

III

Torna-se cada vez mais evidente que não há como escapar da progressiva limitação das viagens motorizadas, seja aproximando os locais de moradia dos locais de trabalho ou de acesso aos serviços essenciais, seja ampliando o modo coletivo e os meios não motorizados de transporte. Evidentemente que não se pode reconstruir as cidades, porém são possíveis e necessárias a formação e a consolidação de novas centralidades urbanas, com a descentralização de equipamentos sociais, a informatização e descentralização de serviços públicos e, sobretudo, com a ocupação dos vazios urbanos, modificando-se, assim, os fatores geradores de viagens e diminuindo-se as necessidades de deslocamentos, principalmente motorizados.

QUESTÃO 1

O termo “bárbaro” teve diferentes significados ao longo da história. Sobre os usos desse conceito, podemos afirmar que:

- a) Bárbaro foi uma denominação comum a muitas civilizações para qualificar os povos que não compartilhavam dos valores destas mesmas civilizações.
- b) Entre os gregos do período clássico o termo foi utilizado para qualificar povos que não falavam grego e depois disso deixou de ser empregado no mundo mediterrâneo antigo.
- c) Bárbaros eram os povos que os germanos classificavam como inadequados para a conquista, como os vândalos, por exemplo.
- d) Gregos e romanos classificavam de bárbaros povos que viviam da caça e da coleta, como os persas, em oposição aos povos urbanos civilizados.

Questão 2

Em uma caixa há 7 canetas azuis, 5 vermelhas e 3 verdes. Retirando-se aleatoriamente duas canetas dessa caixa, uma após a outra e sem reposição, a probabilidade de que pelo menos uma delas seja verde é:

- (A) $8/35$
- (B) $2/7$
- (C) $13/35$
- (D) $2/5$
- (E) $3/7$

Questão 3

A área total de um cubo de aresta 4 cm é igual à área lateral de um prisma reto de base quadrada, com 8 cm de altura, conforme mostram as figuras. O volume do prisma que tem 8 cm de altura é igual a

- (A) 96 cm³
- (B) 88 cm³
- (C) 80 cm³
- (D) 72 cm³
- (E) 64 cm³

Leia o trecho do livro Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política, de Evgeny Morozov, para responder às questões de 10 a 12.

Já é quase um clichê afirmar que “dados são o petróleo do século XXI”. Há muito a criticar nessa definição. Para começar, a forma como produzimos dados é muito diferente daquela como a natureza produz seus recursos. Mas esse chavão, por mais desgastado que esteja, acerta em um ponto, ao levar em conta a escala da transformação digital que se encontra à nossa frente. Não surpreende o surgimento de um nicho de consultorias digitais e de gurus tecnológicos, os quais insistem na ideia de que uma sociedade detentora de tantos dados vai acabar solucionando todas as contradições que o sistema capitalista global não consegue resolver por conta própria: ao nos proporcionar trabalhos flexíveis e bem remunerados; ao punir os participantes deletérios do mercado por meio de mecanismos de autocorreção instantâneos; ao introduzir eficiência e sustentabilidade onde antes não havia – e tudo isso graças a aparatos inteligentes. Todas essas previsões podem ter seu fundo de verdade, mas certamente essa não é a única lição a extrair da comparação entre dados e petróleo. Cabe

lembrar que a história do petróleo no século XX também se caracteriza pela violência, por pressões corporativas, guerras incessantes e desnecessárias, derrubada de regimes democráticos na expectativa de assegurar o controle de recursos estratégicos, aumento da poluição e alterações climáticas. Se os dados são o petróleo do século XXI, quem vai ser o Saddam Hussein deste século? Considerar essa questão nos dias de hoje pode parecer não só excessivamente sarcástico, como também ridículo. Mas não precisaria ser assim: deveria ser óbvio o fato de que os dados — e os serviços de inteligência artificial que eles ajudam a estabelecer — vão se constituir em um dos terrenos cruciais dos embates geopolíticos deste século. Até agora, os principais competidores são bem conhecidos — os Estados Unidos e a China, os dois países com setores tecnológicos mais avançados —, mas é bem provável que outros, como a Rússia e a Índia, vão buscar um lugar no pelotão de frente, no mínimo movidos pelo temor de uma dependência excessiva de serviços digitais estrangeiros.

Questão 4

De acordo com o autor,

- (A) o avanço social das comunidades produtoras de dados do século XXI dependerá do abandono completo de uma economia ainda baseada na exploração do petróleo.
- (B) a ideia de que dados são o petróleo do século XXI mostra-se falha por desconsiderar as origens bastante distintas desses dois recursos.
- (C) a produção e a acumulação ininterruptas de dados acabará por solucionar as contradições inerentes à sociedade capitalista global.
- (D) a ideia de que dados são o petróleo do século XXI mostra - se falha por ignorar as perspectivas de mudanças sociais decorrentes da revolução digital.
- (E) o petróleo, a despeito da acumulação frenética de dados, continuará desempenhando um papel central nos embates geopolíticos do século XXI

Questão 5

O autor inclui-se em seu texto, ou seja, trata a si mesmo também como objeto de seu texto, no seguinte trecho:

- (A) “Já é quase um clichê afirmar que ‘dados são o petróleo do século XXI’.” (1o parágrafo)
- (B) “Há muito a criticar nessa definição.” (1o parágrafo)
- (C) “Para começar, a forma como produzimos dados é muito diferente daquela como a natureza produz seus recursos.”
- (1o parágrafo) (D) “Todas essas previsões podem ter seu fundo de verdade, mas certamente essa não é a única lição a extrair da comparação entre dados e petróleo.”(3o parágrafo)
- (E) “Se os dados são o petróleo do século XXI, quem vai ser o Saddam Hussein deste século?” (3o parágrafo)

Questão 6

Em “Não surpreende o surgimento de um nicho de consultorias digitais e de gurus tecnológicos, os quais insistem na ideia de que uma sociedade detentora de tantos dados vai acabar solucionando todas as contradições que o sistema capitalista global não consegue resolver por conta própria” (2o parágrafo), o termo sublinhado refere-se a:

- (A) contradições.
- (B) ideia.
- (C) sociedade.
- (D) dados.
- (E) sistema.

Leia o texto para responder às questões de 7 a 9.

Believe it or not, the sequins (small plates of shining metal or plastic used for ornamentation, especially on clothing) on this dress are made from 100% bioplastic. Now you might be thinking, what is bioplastic? In this case, bioplastic might be the answer to one of fashion’s most prevalent plastic waste sins: sequins. In a wider context, instead of relying on petroleum based fossil fuels as its key component (like traditional plastic), bioplastic is created from renewable materials. Like all trees and plants, algae sequesters carbon from the atmosphere. Creating bioplastic from this carbon reservoir results in a product that is carbon neutral. Heat is used to bind the algae together to form the bioplastic. This is then poured into moulds which become sheets. Once cooled, the sheets of bioplastic are finally cut into sequins. There are many advantages to bioplastic. Perhaps the most obvious is algae, which unlike fossil fuels, is not a scarce resource. Bioplastics also degrade far more quickly, taking 3 to 6 months to decompose fully compared to the hundreds of years regular plastic requires. The carbon released by bioplastic as it decomposes is also equal to the carbon absorbed by the organic material it was made from, so the overall impact on the environment is close to zero.

There are some downsides to bioplastic, however. If not disposed of properly, bioplastic can end up in landfill, where deprived of oxygen, the substance could produce methane as it breaks down – a far more formidable greenhouse gas than CO₂. As promising and forward thinking as these fashion initiatives are, it will take an adjustment of infrastructure to make sure the environment feels the full benefit of bioplastic. With the bioplastic market set to be worth \$44 billion by 2022, perhaps that change isn’t a pie in the sky.

Questão 7

According to the text,

- (A) fashion industry can improve on inclusivity.
- (B) fashion should embrace second hand market.
- (C) eco-friendly fashion always damages the environment.

- (D) fashion industry can act to reduce its greenhouse gas emissions.
- (E) sustainable fashion should be more affordable

Questão 8

In the excerpt from the second paragraph “Once cooled, the sheets of bioplastic are finally cut into sequins”, the underlined word means

- (A) since.
- (B) while.
- (C) after.
- (D) then.
- (E) also.

Questão 9

No trecho do terceiro parágrafo “is not a scarce resource”, a expressão sublinhada refere-se a

- (A) algae.
- (B) carbon.
- (C) fossil fuels.
- (D) bioplastic.
- (E) regular plastic.

Questão 10

Os séculos II e I a.C. são tidos como o período de crise da República romana. O modelo político centrado na supremacia do Senado, instrumento de poder da elite patrícia, sofreu uma forte contestação, fruto da ação de diferentes setores da sociedade: uma camada de comerciantes enriquecidos com a expansão de Roma; a massa de plebeus miseráveis e descontentes e o enorme contingente de escravos. Além disso, não podem ser descartadas as pretensões políticas dos generais, fortalecidos pela crescente importância do Exército na vida romana. (Flávia Maria Schlee Eyler. História antiga: Grécia e Roma, 2014. Adaptado.)

A crise à qual a historiadora se refere decorreu

- (A) da expansão do cristianismo, que questionou a hierarquia social e a autoridade política.
- (B) das guerras civis entre patrícios, plebeus e escravos, que deram origem a leis escritas.
- (C) da extensão da cidadania aos povos dominados, que tirou os privilégios dos romanos.
- (D) das conquistas na bacia do Mar Mediterrâneo, que alteraram a estrutura socioeconômica.
- (E) da disputa pelo poder entre os generais, que pôs fim à economia centrada no escravismo.

Questão 11

As cidades, para nascer, precisaram de um meio rural favorável, mas, à medida que se desenvolviam, exerciam uma atração cada vez maior sobre um entorno agrário dilatado na medida de suas exigências. [...] A emigração do campo para a cidade entre os séculos X e XIV é um dos fenômenos principais da Cristandade. Dos diversos elementos humanos que recebe, a cidade faz uma nova sociedade.

No excerto, ao tratar das cidades medievais, o historiador

- (A) estabelece vínculos com o campo, de onde provinham os alimentos e a mão de obra que sustentavam a vida urbana.
- (B) minimiza a importância da nobreza feudal, cujo poder ficou restrito às áreas rurais e aos camponeses.
- (C) explica o motivo do surgimento de uma nova classe social, a burguesia, a partir da acumulação monetária.
- (D) separa a zona urbana da periferia rural, destacando o desenvolvimento de novas atividades econômicas.
- (E) destaca as relações político-administrativas como a base da vida urbana, ao contrário da função econômica do campo.

Questão 12

E, enquanto as partes da América Inglesa e Espanhola tornaram-se politicamente independentes através de guerras sangrentas contra as respectivas metrópoles, com a instauração de regimes republicanos, na América Portuguesa a direção e o movimento desse processo eram bem diversos.

O processo de independência do Brasil teve como diferencial

- (A) a continuidade da monarquia sob comando do herdeiro da Coroa portuguesa.
- (B) o papel decisivo das camadas populares na elevação a Reino Unido.
- (C) a participação destacada dos escravos nas lutas de libertação da colônia.
- (D) o caráter liberal com a manutenção do federalismo e dos privilégios sociais.
- (E) a fragmentação do território em vários países integrados pelo lusitanismo.